

## A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NAS VARIEDADES BRASILEIRA E EUROPEIA E AS HIPÓTESES NEOGRAMÁTICA E DIFUSIONISTA<sup>1</sup>

Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott<sup>2</sup>

monguilhott@hotmail.com

**RESUMO:** Investigamos, neste trabalho, a relação entre as hipóteses neogramática e difusionista e as variáveis saliência fônica e paralelismo formal na variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural. De acordo com Oliveira (2003, p. 605), a hipótese neogramática prevê que “as mudanças sonoras não têm exceções; são condicionadas apenas por fatores fonéticos; são foneticamente graduais e lexicalmente abruptas”. Já a hipótese difusionista, ao contrário, prevê que as mudanças sonoras são foneticamente abruptas e lexicalmente graduais. Na análise de uma amostra de fala de trinta e duas entrevistas, dezesseis das quais realizadas com informantes de Florianópolis (PB) e dezesseis de Lisboa (PE), observamos quanto à variável saliência fônica, que a variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural parece confirmar a hipótese difusionista, já que houve uma queda mais acentuada nos contextos menos salientes e só depois os contextos mais salientes foram sendo atingidos, indicando, desta forma, uma mudança lexicalmente gradual, em que os itens menos salientes vão sendo atingidos primeiro, seguidos dos itens mais salientes. Já em relação à variável paralelismo formal, os resultados gerais confirmam a hipótese neogramática que prevê um princípio mecânico agindo sobre essa variável fazendo com que a queda nas marcas de plural nos elementos anteriores influencie na queda da marcação de plural nos verbos. Observa-se queda regular das marcas de plural em todos os verbos que vêm precedidos de um zero fonético anterior, e, ao contrário, manutenção regular do plural para os verbos que vêm precedidos de marcas de plural.

**PALAVRAS-CHAVE:** hipótese neogramática; hipótese difusionista; saliência fônica; paralelismo formal.

**ABSTRACT:** In the present work, we investigated the relationship between the neogrammarian and the diffusionist hypotheses, and two linguistic variables, namely, phonic salience and formal parallelism in verbal agreement variation of third person plural. As informed by Oliveira (2003:605), the neogrammarian hypothesis predicts that "sound changes have no exceptions; they are conditioned only by phonetic factors; they are phonetically gradual and lexically abrupt". On the contrary, the diffusionist hypothesis submits that sound changes are phonetically abrupt and lexically gradual. We analyzed speech samples supplied with thirty-two interviews, sixteen of which were carried out with subjects from Florianópolis (BP) and sixteen from Lisbon (EP). With regard to phonic salience, we observed that the variation in the verbal agreement of third person plural appears to confirm the diffusionist hypothesis, since there was a more pronounced drop in less salient contexts, whereas more salient contexts were only later reached, which indicates a lexically gradual change in which less salient items are reached first, followed by more salient cases. In relation to formal parallelism, general results confirm the neogrammarian hypothesis, which predicts a mechanical principle acting

<sup>1</sup> Este artigo resulta de discussões iniciadas na minha tese de doutorado, orientada pela Profa. Dra. Izete Lehmkhul Coelho.

<sup>2</sup> Professora Doutora do Departamento de Metodologia de Ensino do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

onto this variable, thus leading the drop in plural marks in previous elements to influence the plural marking drop in the verbs. We observed a regular drop of plural marks in all verbs preceded by a phonetic zero and, on the contrary, regular maintenance to plural verbs preceded by plural marks.

**KEYWORDS:** neogrammarian hypothesis; diffusionist hypothesis; phonic salience; formal parallelism.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho procura refletir acerca das hipóteses neogramática e difusionista e sua relação com as variáveis saliência fônica e paralelismo formal na variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural em amostras de fala do Português do Brasil (PB) e do Português Europeu (PE).

Na seção 1, apresentamos uma discussão a respeito das hipóteses neogramática e difusionista. Na seção 2, delimitamos, caracterizamos e levantamos hipóteses para as variáveis saliência fônica e paralelismo formal. Na seção 3, evidenciamos a descrição dos resultados encontrados para a amostra do PB em relação às duas variáveis: saliência fônica e paralelismo formal e, na seção 4, os resultados para a amostra do PE. Na seção 5, correlacionamos os resultados apresentados nas seções 3 e 4 às hipóteses neogramática e difusionista. Por fim, na seção 6, tecemos algumas considerações e, em seguida, elencamos as referências bibliográficas apontadas ao longo do texto.

### 1. AS HIPÓTESES NEOGRAMÁTICA E DIFUSIONISTA

Discutiremos, brevemente, as hipóteses neogramática e difusionista e, em seguida, refletiremos se essas hipóteses conseguem explicar os resultados encontrados em nosso estudo sobre a concordância verbal de terceira pessoa do plural em amostras do PB e do PE.

A hipótese neogramática prevê que “as mudanças sonoras não têm exceções; são condicionadas apenas por fatores fonéticos; são *foneticamente graduais* e *lexicalmente abruptas*” [grifos nossos] (Oliveira 2003, p. 605). Os neogramáticos, desta forma, defendem que a mudança de som é sempre gradual, sempre regular, afetando todas as palavras ao mesmo tempo.

A hipótese difusionista, ao contrário, prevê que as mudanças sonoras são *foneticamente abruptas* e *lexicalmente graduais*. Os difusionistas não aceitam a

existência da mudança de som regular da forma como a hipótese neogramática defende; no entanto, de acordo com Oliveira (2003, p.606):

o modelo da difusão lexical não descarta a regularidade; o que ele faz é permitir a existência de irregularidades. Além disso, o modelo difusionista não recusa a possibilidade de condicionamento fonético; o que ele faz é incorporar a possibilidade de mudanças sonoras que não sejam foneticamente condicionadas.

Labov (1994)<sup>3</sup> argumenta que há consideráveis evidências para a difusão lexical no processo de mudança, mas a perspectiva dos neogramáticos também tem força. Segundo o autor, algumas análises dão suporte à hipótese difusionista, assim como outras suportam à visão neogramática. Para Labov, ambas, a difusão lexical e a regularidade neogramática existem.

Diante do exposto, quando pensamos no comportamento da variável saliência fônica nas pesquisas de concordância verbal de terceira pessoa do plural, acreditamos que possa ser um caso de difusão lexical, já que se observa a queda da nasalidade nos contextos menos salientes para depois os contextos mais salientes serem atingidos, havendo, desta forma, uma mudança lexicalmente gradual, pois os itens menos salientes são atingidos ao mesmo tempo.

Relacionando o que se expôs anteriormente aos resultados da variável paralelismo formal nas pesquisas de concordância verbal de terceira pessoa do plural, parece-nos que a hipótese neogramática se apresenta como uma boa explicação, pois acredita-se que haja um princípio mecânico agindo sobre essa variável, levando, de um lado, à queda regular das marcas de plural em todos os verbos precedidos de elementos sem marcas de plural, e, de outro lado, à manutenção regular do plural nos verbos precedidos de elementos com marcas de plural.

## **2. AS VARIÁVEIS SALIÊNCIA FÔNICA E PARALELISMO FORMAL: DELIMITAÇÃO, CARACTERIZAÇÃO E HIPÓTESES**

### **2.1 A VARIÁVEL SALIÊNCIA FÔNICA**

Baseando-nos em Naro (1981) e em diversas pesquisas que investigaram esta variável, estabeleceram-se dois critérios para controle: (1) presença ou ausência de acento na desinência e (2) quantidade de material fônico que diferencia a forma

---

<sup>3</sup> Labov (1994) discute essas questões em *The Regularity Controversy* (Parte D).

singular da forma plural. A partir do primeiro critério controlam-se dois níveis de saliência e em cada nível três categorias, salientando a diferenciação do material fônico da relação singular/plural.

- Nível 1: oposição não-acentuada:

1. não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural (conhece/conhecem, consegue/conseguem, corre/correm, vive/vivem, sabe/sabem);

(1) a. **Eles** não **conseguem** alcançar nosso ritmo, né? (PBRIMJS13)<sup>4</sup>

b. Aí **eles** não **conseguem** ter um bom rendimento (PBRIMJS13)

2. envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural (ganha/ganham, era/eram, gosta/gostam);

(2) a. Tenho três, quatro sobrinhos, **anda todos eles** também aí ao mar (PECAMVFO3)

b. Sim, **andam** aí **uns brasileiros** (PECAMVFO3)

3. envolve acréscimo de segmentos na forma plural (diz/dizem, quer/querem);

(3) a. Só que **eles diz** que eu tenho que trabalhá pra pagá (PBINMJF10)

b. Ah, **uns dizi** que é porque ele foi demitido (PBINMJF10)

- Nível 2: oposição acentuada:

1. envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural (tá/tão, vai/vão);

(4) a. **Os meus irmãos tá** cada um do seu lado (PECAFJF11)

b. **Elas já tão** o dia todo na escola (PECAFJF11)

2. envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural (bateu/bateram, viu/viram, incluindo o par foi/foram que perde a semivogal);

(5) a. Conta **coisas que** pra ele **foi** um bocado traumáticas (PECAFJS15)

b. **As aulas práticas foram** reduzidas (PECAFJS15)

3. envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural: mudanças vocálicas na desinência, mudanças na raiz, e até mudanças completas (veio/vieram, é/são, disse/disseram).

---

<sup>4</sup> A codificação, nos exemplos, refere-se à amostra do nosso *corpus* (PB – Português do Brasil, PE – Português Europeu), à localidade em que a entrevista foi realizada (no PB – RI: Ribeirão da Ilha, IN: Ingleses, CL: Costa da Lagoa, RC: Região Central, no PE – SI: Sintra, BE: Belém, CA: Cascais, RC: Região Central), ao sexo do informante (F: feminino, M: masculino), à idade do informante (J – 15 a 36 anos, V – 45 a 76 anos), à escolaridade do informante (F: fundamental – do 1º. ao 9º. ano, S: superior – do 12º. ano ao superior concluído com mestrado) e ao número de identificação de cada informante na amostra.

(6) a. **Veio todos** pra cá (PERCFJF12)

b. **Vieram muitos imigrantes de fora** pra cá (PERCFJF12)

Muitos estudos (cf. Lemle e Naro 1977, Naro 1981, Rodrigues 1987, Scherre e Naro 1997, Monguilhott 2001, Pereira 2004, Cardoso 2005) já comprovaram a relevância desta variável indicando que formas mais salientes tendem a ser mais marcadas do que as menos salientes. As oposições mais salientes, sendo mais perceptíveis, aumentam a probabilidade de ocorrência da variante explícita de plural.

Com bases nessas pesquisas e na hipótese da difusão lexical, a expectativa para os resultados relacionados à variável saliência fônica nas nossas amostras do PB e do PE é também a de que as formas mais salientes favoreçam a presença da marca de concordância na terceira pessoa do plural.

## 2.2 A VARIÁVEL PARALELISMO FORMAL

O controle da variável paralelismo formal limita-se ao nível clausal e objetiva atestar uma correlação entre o tipo de marca existente no sujeito e o tipo de marca existente no verbo, verificando se marcas explícitas de plural no sujeito levam à presença de marcas de plural no verbo e se o sujeito com marca zero de plural influencia a marca zero de plural no verbo.

Baseando-nos em Scherre e Naro (1993), organizamos a variável da seguinte forma:

a. presença da forma de plural explícita no último (ou único) elemento

(7) **As mulheres** não **tinham** direito a voto (PERCFVF04);

b. presença da forma de plural zero no último elemento

(8) **Os homiØ ia** assim tarrafeá (PBINFVFO2);

c. presença de numeral terminado em /s/ no último elemento

(9) **Os dois** só **estudu** (PBINFVSO6);

d. presença de numeral não terminado em /s/ no último elemento

(10) Na Costa aqui **estudou** parece **uns cinco** só na Lagoa (PBCLMVFO3);

e. sujeito nulo com sujeito anafórico com presença da forma de plural explícita no último (ou único) elemento

(11) **Todas as minhas amigas** namoravam e Ø **vinham** às festas aqui (PBRIFVSO5);

f. sujeito nulo com sujeito anafórico com presença da forma de plural zero no último elemento

(12) **Os neto** Ø dele chamava ele de tolo, Ø **dizia**: ah, o vô é tolo! (PBCLMVFo3);

g. sujeito nulo com sujeito anafórico com presença de numeral terminado em /s/ no último elemento

(13) Tem **dois** ali que tão na biblioteca, Ø **tão fazendo** trabalho (PBRIMJFo9);

h. sujeito nulo com sujeito anafórico com presença de numeral não terminado em /s/ no último elemento<sup>5</sup>.

A hipótese para esta variável contempla o princípio geral do paralelismo, conforme Scherre e Naro (1993), de que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros.

Espera-se, assim, que, tanto no sujeito preenchido, quanto no sujeito nulo com sujeito anafórico, quando o último elemento do sujeito apresentar marca explícita de plural, o verbo correspondente tenderá a exibir a marca de plural, e se o último elemento do sujeito apresentar zero plural, o verbo correspondente tenderá também a exibir zero plural (cf. Scherre e Naro 1993, Monguilhott 2001, Pereira 2004, Cardoso 2005).

Em relação à presença de numeral, espera-se que se o último elemento do sujeito, ou o sujeito anafórico, no caso de sujeito nulo, for um numeral terminado em /s/ haverá uma tendência maior a existir marca formal de plural no verbo, diferentemente dos numerais sem /s/, que deverão influenciar na não-marcação da concordância. Desta forma, espera-se confirmar a hipótese dos neogramáticos.

### **3. OS RESULTADOS PARA A AMOSTRA DO PB**

#### **3.1 SALIÊNCIA FÔNICA**

A variável saliência fônica, na amostra do PB<sup>6</sup>, foi a que se mostrou mais relevante na análise probabilística realizada, sendo a primeira a ser selecionada pelo Programa Goldvarb<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> Não foram encontrados dados na amostra investigada para este fator.

<sup>6</sup> A amostra constituiu-se de 32 informantes, 16 do PB e 16 do PE. As entrevistas foram realizadas entre 2006 e 2007, pela pesquisadora, durante seu Curso de Doutorado na UFSC, com estágio de doutorado no exterior na Universidade de Lisboa (UL), sob orientação da Profa. Dra. Izete Lehmkhul Coelho (UFSC) e coorientação da Profa. Dra. Ernestina Carrilho (UL).

Os resultados vêm corroborar resultados de outros estudos que haviam controlado esse grupo de fatores no PB (Lemle e Naro 1977, Rodrigues 1987, Scherre e Naro 1997, Monguilhott 2001, Silva 2003, Pereira 2004, Cardoso 2005) com a oposição acentuada favorecendo a presença de marcas explícitas de plural nos verbos, contrário à oposição não-acentuada, com maiores probabilidades de marcas zero de concordância, como podemos observar na tabela 1 a seguir.

Saliência Fônica	Apl/Total <sup>8</sup>	%	PR <sup>9</sup>
Nível 1: Oposição não-acentuada	341/464	73%	0,35
Nível 2: Oposição acentuada	299/330	90%	0,70
Total	640/794	80%	

**Tabela 1:** Frequência e probabilidade de CV no PB, segundo a variável saliência fônica com amálgama dos fatores do nível 1 e nível 2

Nossos resultados para a variável saliência fônica parecem confirmar a hipótese difusionista, já que houve uma queda mais acentuada nos contextos menos salientes e só depois os contextos mais salientes foram sendo atingidos, o que parece indicar uma mudança lexicalmente gradual, em que os itens menos salientes (nível 1) vão sendo atingidos primeiro, seguidos dos itens mais salientes (nível 2).

### 3.2 PARALELISMO FORMAL

O paralelismo formal, para a amostra do PB, mostrou-se bastante significativo na análise do Programa Goldvarb, sendo o segundo grupo selecionado. Os resultados confirmam parcialmente nossas hipóteses. Como podemos observar na tabela 2, a marcação da concordância foi maior para os fatores presença da forma de plural explícita no último elemento (86% de frequência e .60 de peso relativo) e sujeito nulo com anafórico com presença da forma de plural explícita (87% de frequência e 0,66 de peso relativo).

<sup>7</sup> Dentre as variáveis investigadas, o Goldvarb selecionou para o PB, por ordem de relevância: saliência fônica, paralelismo formal, posição do sujeito em relação ao verbo, idade/escolaridade, traço humano do sujeito e diatopia.

<sup>8</sup> A aplicação da regra refere-se às marcas explícitas de concordância no verbo, pois estas marcas sobressaíram-se em relação às marcas zero. Dos 794 dados coletados do PB, 640 apresentaram marcas explícitas de concordância. Os 640 dados com concordância correspondem a 80,6% do total; no entanto, em todas as tabelas aparece 80% de aplicação da CV no total dos dados, pois foi esse o percentual fornecido pelo Programa Goldvarb que parece não aplicar a regra de arredondamento decimal.

<sup>9</sup> PR significa peso relativo.

Tais resultados confirmam resultados de outros estudos com diferentes amostras do PB (Scherre e Naro 1993, Monguilhott 2001, Silva 2003, Pereira 2004, Cardoso 2005).

Paralelismo Formal	Apl/Total	%	PR
Presença da forma de plural explícita no último elemento	418/483	86%	0,60
Presença de numeral no último elemento	20/33	60%	0,13
Presença da forma zero de plural no último elemento	52/100	52%	0,10
Sujeito nulo com anafórico com presença da forma de plural explícita	128/148	87%	0,66
Sujeito nulo com anafórico com presença de numeral terminado em /s/ no último elemento	4/5	80%	0,58
Sujeito nulo com anafórico com presença da forma de zero plural	17/25	68%	0,29
<b>Total</b>	<b>640/794</b>	<b>80%</b>	

**Tabela 2:** Frequência e probabilidade de CV no PB, segundo a variável paralelismo formal (adaptada de MONGUILHOTT, 2009, p.123)

Nossas expectativas também se confirmaram em relação aos fatores presença da forma zero de plural no último elemento e sujeito nulo com anafórico com presença da forma de zero plural, já que ambos os fatores tenderam à menor marcação da CV, com resultados de 52% de frequência e 0,10 de peso relativo e 68% de frequência e 0,29 de peso relativo, respectivamente.

Quanto aos fatores presença de numeral terminado em /s/ e não terminado em /s/ no último elemento, os resultados foram amalgamados em função de seus índices de frequência, bem como de seu comportamento, mostrarem-se uniformes quando da presença de outros fatores<sup>10</sup>. Para esse grupo de fatores, nossas expectativas não se confirmaram, pois esperávamos maior marcação da CV. Nossos resultados apontam para uma marcação próxima da marcação do fator presença da forma zero de plural no último elemento, com 60% de frequência e 0,13 de peso relativo.

Já em relação ao sujeito nulo com anafórico com presença de numeral terminado em /s/ no último elemento, nossa hipótese se confirmou, já que os

<sup>10</sup> Na rodada sem amálgama dos fatores, obtivemos os seguintes resultados: presença de numeral terminado em /s/ no último elemento – 18/28 = 64% e .14 de peso relativo; presença de numeral não terminado em /s/ no último elemento – 2/5 = 40% e .06 de peso relativo.

resultados apontam esse fator como favorecedor da marcação da CV com 80% de frequência e 0,58 de peso relativo. Para o fator sujeito nulo com presença de numeral não terminado em /s/, não obtivemos dados.

Embora os resultados em relação ao fator presença de numeral no último elemento não tenham confirmado nossa hipótese, os resultados gerais obtidos para esta amostra do PB vêm confirmar o princípio do paralelismo de “formas gramaticais particulares ocorrerem juntas” (Scherre 1998: 42). Acreditamos que esta repetição apresenta caráter mecânico; como Scherre (1998: 49) aponta, diversos estudos variacionistas que controlaram o paralelismo “concluíram que pode haver a repetição meramente mecânica”.

Os resultados gerais confirmam a hipótese neogramática que prevê um princípio mecânico agindo sobre esse grupo de fatores fazendo com que a queda nas marcas de plural nos elementos anteriores influencie na queda da marcação de plural nos verbos. Observa-se queda regular das marcas de plural em todos os verbos que vêm precedidos de um zero fonético anterior, e, ao contrário, manutenção regular do plural para os verbos que vêm precedidos de marcas de plural.

#### **4. OS RESULTADOS NO PE**

##### **4.1 SALIÊNCIA FÔNICA**

A variável saliência fônica, na amostra do PE<sup>11</sup>, não foi selecionada pelo Programa Goldvarb; por isso, apresentamos apenas os resultados percentuais.

Nossos resultados vão de encontro tanto com as nossas expectativas, quanto com os resultados de outros estudos que haviam controlado este grupo de fatores no PE (Varejão 2006; Naro e Scherre 2007), com a oposição não-acentuada favorecendo mais a presença de marcas explícitas de plural nos verbos (93% de frequência) do que a oposição acentuada (90% de frequência), como podemos observar os resultados na tabela 3 a seguir, com os fatores do nível 1 e do nível 2 amalgamados<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> Dentre as variáveis investigadas, o Goldvarb selecionou para o PE, por ordem de relevância: traço humano no sujeito, posição do sujeito em relação ao verbo, tipo de verbo e idade/escolaridade.

<sup>12</sup> Acreditamos que nossos resultados talvez indiquem que a escala da saliência fônica no PE tenha suas particularidades e seja diferente da escala do PB em função da pronúncia distinta nessas duas variedades do português ou em função das diferenças relacionadas ao valor social das estruturas sintáticas com cópula nas duas variedades. Na nossa tese não fizemos uma análise considerando a pronúncia, mas trouxemos algumas reflexões sobre a sintaxe dessas construções (MONGUILHOTT, 2009, Capítulo IV).

Saliência Fônica	Apl/Total	%
Nível 1: Oposição não-acentuada	365/392	93%
Nível 2: Oposição acentuada	377/415	90%
Total	742/807	91%

**Tabela 3:** Frequência de CV no PE, segundo a variável saliência fônica com amálgama dos fatores do nível 1 e nível 2 (adaptada de Monguilhott, 2009, p. 150)

Agora observemos a tabela 4, que traz os resultados com as três categorias do nível 1 separadamente, assim como as três categorias do nível 2.

Nível 1: Oposição não-acentuada	Apl/Total	%
a. não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	62/66	93%
b. envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	232/251	92%
c. envolve acréscimo de segmentos na forma plural	74/75	94%
Nível 2: Oposição acentuada	Apl/Total	%
a. envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural	73/79	92%
b. envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural	154/159	96%
c. envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural	150/177	84%
Total	742/807	91%

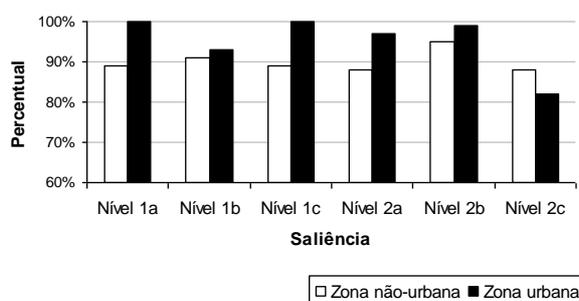
**Tabela 4:** Frequência de CV no PE, segundo a variável saliência fônica (adaptada de Monguilhott, 2009, p.151)

Como podemos verificar, os fatores pertencentes ao nível 1, oposição não-acentuada, apresentaram resultados percentuais bastante próximos. Na categoria *a*, temos 93% de marcação da CV; na categoria *b*, 92%; e na *c*, 94%. No nível 2, a categoria *a* apresentou 92% de marcação da CV; a categoria *b*, 96% e a *c* apresentou o menor percentual de marcação da CV entre todas as categorias, inclusive se comparada às categorias do nível 1, com 84% de frequência.

Acreditamos que a diminuição da marcação da CV na categoria *c* do nível 2 se deva ao considerável número de verbos cópula (*é/são*) que apresentam desfavorecimento da marcação da concordância nestes verbos.

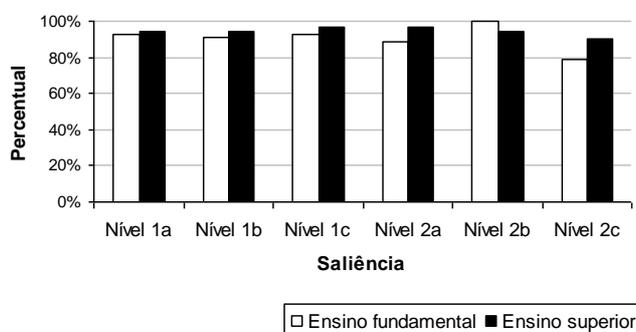
Como pudemos constatar através dos resultados da tabela 4, houve inversão entre a categoria *b* e a categoria *c* do nível 2, apontada anteriormente. Para tentar explicar os resultados, tentamos estabelecer uma conversa entre a saliência fônica e duas das variáveis extralinguísticas investigadas: diatopia e escolaridade.

Relacionando à diatopia, observamos que a inversão entre as categorias *b* e *c* do nível 2, ocorre na zona urbana, como os resultados do gráfico 1 evidenciam, a seguir. Na zona não urbana, as frequências são menores em todos os fatores, menos no nível 2c, que são os pares mais salientes. O que parece ocorrer no PE é que esses pares, embora salientes, não parecem apresentar estigma social.



**Gráfico 1:** Frequência de CV no PE, segundo o cruzamento entre as variáveis saliência fônica e diazonalidade (adaptado de Monguilhott, 2009, p.152)

Com o cruzamento entre a variável saliência fônica e a escolaridade, intentamos verificar se há influência dos anos de escolarização dos falantes na nitidez da escala da saliência, como comprovado em Scherre e Naro (1997).



**Gráfico 2:** Frequência de CV no PE, segundo o cruzamento entre as variáveis saliência fônica e escolaridade (adaptado de Monguilhott, 2009, p.152)

O que os resultados do gráfico 2 parecem evidenciar é que, para a amostra do PE, a escala da saliência não se mostrou significativa, nem para os falantes com nível fundamental, nem para os falantes com nível superior.

## 4.2 PARALELISMO FORMAL

O paralelismo formal, na amostra do PE, não foi selecionado como significativo na análise do Programa Goldvarb; por isso, salientaremos os resultados também em termos percentuais.

Os resultados atestaram nossas hipóteses. Como podemos observar na tabela 5, a marcação da concordância foi maior para o fator sujeito nulo com anafórico com presença da forma de plural explícita, apresentando 97% de frequência. O fator presença da forma de plural explícita no último elemento apresentou 87% de marcação da CV e o fator que apresentou a menor frequência de CV foi presença da forma zero de plural no último elemento com 80% de frequência, como previam nossas expectativas.

Paralelismo Formal	Apl/Total	%
Presença da forma de plural explícita no último elemento	398/454	87%
Presença da forma zero de plural no último elemento	4/5	80%
Sujeito nulo com anafórico com presença da forma de plural explícita	340/348	97%
Total	742/807	91%

**Tabela 5:** Frequência de CV no PE, segundo a variável paralelismo formal (adaptada de Monguilhott, 2009, p. 153)

Vale ressaltar que não foram encontrados dados na amostra do PE para os fatores: presença de numeral terminado em /s/ no último elemento, presença de numeral não terminado em /s/ no último elemento, sujeito nulo com sujeito anafórico com presença da forma de plural zero no último elemento, sujeito nulo com sujeito anafórico com presença de numeral terminado em /s/ no último elemento e sujeito nulo com sujeito anafórico com presença de numeral não terminado em /s/ no último elemento. Desta forma, estes fatores não puderam ser considerados na análise.

## 5. AS HIPÓTESES NEOGRAMÁTICA E DIFUSIONISTA E AS VARIÁVEIS SALIÊNCIA FÔNICA E PARALELISMO FORMAL NAS AMOSTRAS DO PB E DO PE: POSSÍVEIS CORRELAÇÕES

A variável saliência fônica foi selecionada como a mais relevante estatisticamente para a amostra do PB. Já para a amostra do PE, como indicamos anteriormente, não foi selecionada como estatisticamente relevante.

Os resultados do PB indicaram que as formas mais salientes preservam mais as marcas de plural nos verbos, diferentemente das formas menos salientes, que favorecem uma queda maior das marcas de concordância nos verbos, confirmando nossas expectativas. Contrários às nossas hipóteses, os resultados do PE indicaram as formas mais salientes como desfavorecedoras da marcação de plural nos verbos e as formas menos salientes como favorecedoras da marcação, como apontam os resultados da tabela 6.

Saliência Fônica	PB	PE
	Apl/Total = %	Apl/Total = %
Nível 1: Oposição não-acentuada	341/464 = 73%	365/392 = 93%
Nível 2: Oposição acentuada	299/330 = 90%	377/415 = 90%
Total	640/794 = 80%	742/807 = 91%

**Tabela 6:** Frequência de CV no PB e no PE, segundo a variável saliência fônica com amálgama dos fatores do nível 1 e nível 2 (adaptada de Monguilhott, 2009, p. 169)

A distinção entre os resultados das duas amostras parece se explicar pelo fato de, no PE, os pares *é/são*, que são os mais salientes e estão no nível 2, oposição acentuada, não apresentarem o mesmo comportamento observado no PB.

Para os falantes do PE, a não marcação da concordância nesses verbos não parece ter o estigma que há para outros casos de não concordância; por isso, o fato de ser recorrente na fala dos portugueses, inclusive dos mais escolarizados. Os estudiosos portugueses, que muitas vezes não admitem a variação na concordância verbal em outros contextos, chamam a atenção para a ausência de concordância nesses casos.

A seguir, apresentamos alguns exemplos retirados da nossa amostra do PE em que os pares *é/são* não apresentam marcas explícitas de plural.

(14) Como a maioria dos professores são catalães, é tudo em catalão, *os textos é tudo em catalão* (PERCFJS16)

(15) Tenho família no Brasil também, tenho primos que tão lá....e, portanto, uma vez, veio cá um primo e eu fiquei assim quando fomos levá-lo ao aeroporto e ele vira-se pra mim e diz: vamos ali comprar balas? balas pra mim era pra pistolas, balas, *balas é* rebuçados pra vocês, né? *é* pra comer, pra que que o miúdo quer balas, queria matar quem? (PECAFVSo7)

(16) *Os sonhos é* assim umas bolinhas, ótimo, de massa que aquilo depois é frito e depois passa-se no açúcar e canela e *as filhoses é* assim compridas (PECAFJF11)

Observamos que os dados em variação de concordância com verbos copulativos apresentam certas particularidades sintáticas que os distinguem dos demais. Na maioria dos casos, como nos exemplos de (14), (15) e (16), os sintagmas nominais: *os textos*, *as balas*, *os sonhos* e *as filhoses*, em geral, marcados com traço [- humano], parecem estar em uma posição de tópico<sup>13</sup>. É como se tivéssemos um pronome nulo neutro (como um *isso*) na posição do sujeito, como ilustram os dados reanalisados abaixo:

(14') Como a maioria dos professores são catalães, *é* tudo em catalão, *os textos (isso tudo) é* em catalão.

(15') Tenho família no Brasil também, tenho primos que tão lá....e, portanto, uma vez, veio cá um primo e eu fiquei assim quando fomos levá-lo ao aeroporto e ele vira-se pra mim e diz: vamos ali comprar balas? balas pra mim era pra pistolas, *balas, balas (isso) é* rebuçados pra vocês, né? *(isso) é* pra comer, pra que que o miúdo quer balas, queria matar quem?

(16') *Os sonhos (isso) é* assim umas bolinhas, ótimo, de massa que aquilo depois é frito e depois passa-se no açúcar e canela e *as filhoses (isso) é* assim compridas.

Como não levamos em conta, na nossa análise, a distinção entre tópico e sujeito, resolvemos fazer um refinamento da análise com mais uma rodada (doravante rodada 2) desconsiderando o verbo cópula, para que pudéssemos observar melhor o comportamento do grupo de fatores saliência fônica.

---

<sup>13</sup> Consultamos uma linguista portuguesa, Profa. Dra. da Universidade Nova de Lisboa, Maria Lobo, a respeito da sua intuição quanto a essas construções sem marcação na concordância com verbos copulativos. No exemplo (14), para a linguista, temos a concordância do *ser* com o sujeito *tudo* e *os textos* funciona como tópico, construção, segundo ela, frequente na fala, inclusive, de pessoas escolarizadas. Quanto ao exemplo (15), de acordo com Maria Lobo, *balas* também seria tópico e o sujeito da frase seria um pro neutro *isso*. Em relação ao exemplo (16), a linguista afirma que, na primeira coordenada, *os sonhos* também é considerado tópico, já na segunda coordenada, é mais difícil, segundo ela, fazer essa análise em função da concordância no predicativo *compridas*.

Na amostra do PB, também encontramos uma construção com verbo copulativo sem marcação de concordância, em que o sujeito parece estar na posição de tópico, como o exemplo (17) a seguir, falado por um informante mais velho, em que há, inclusive, uma pausa entre o sujeito e o verbo, o que contribui para confirmar a hipótese de o SN ser tópico.

(17) Eu sou católico, não vou deixar a minha pelas outra, não vou dizer que *as outra* Ø é ruim, minha família é tudo espírita, a mulher não é e a irmã não é, as outra são da espírita (PBRIMVF01)

(17') Eu sou católico, não vou deixar a minha pelas outra, não vou dizer que *as outra*, (isso) é ruim, minha família é tudo espírita, a mulher não é e a irmã não é, as outra são da espírita.

Vale lembrar que a frequência de uso dessas construções com SN [- humano] sem marcação de concordância é bem mais recorrente no PE do que no PB<sup>14</sup>

A seguir, apresentamos exemplos em que o sujeito parece estar topicalizado também, mas os verbos exibem marcas de plural, o que evidencia variação nesses casos, tanto para o PE (exemplos 18 e 19), quanto para o PB (exemplos 20 e 21).

(18) *As viagens são* caríssimas<sup>15</sup> (PERCFJS16)

(19) *As médias de cá são* de zero a vinte (PERCFJS16)

(20) *As coisas, elas são* tão misturadas (PBRIMJS13)

(21) *Estudos de gênero são* estudos de sexualidade (PBRCMJS16)

O fato de encontrarmos variação na concordância com construções com verbos copulativos com tópico na amostra do PB, à semelhança da amostra do PE, no entanto, com apenas um dado de fala de um informante mais velho sem marcação da concordância, parece trazer evidência de que aquelas construções sem marcação de concordância podem ser resquícios de uma gramática do PE.

No que se refere ao grupo de fatores saliência fônica, na rodada em que excluímos os verbos copulativos (rodada 2), a variável passou a ser selecionada como estatisticamente relevante em terceiro lugar<sup>16</sup>.

---

<sup>14</sup> No PE, temos 16 (dezesseis) dados com construções com verbos copulativos correspondentes aos pares *é/são* com SN [- humano] sem concordância verbal, enquanto no PB, temos 05 (cinco) dados. Também encontramos construções com verbos copulativos correspondentes aos pares *era/eram* com SN [- humano] sem marcação da concordância, no PE temos 05 (cinco) dados e no PB 04 (quatro).

<sup>15</sup> De acordo com a linguista portuguesa Maria Lobo, nessas construções com predicativo plural, há estigma se não há concordância verbal.

Na tabela 7, a seguir, podemos observar que, na rodada em que não consideramos os verbos copulativos, a escala da saliência encontrada continua não correspondendo aos resultados de Naro (1981) e de Scherre e Naro (1997), assim como na rodada em que consideramos os verbos copulativos (rodada 1). No entanto, considerando apenas o nível 2, a escala nos dados do PE obedece a um aumento crescente da concordância à medida que os itens ficam mais salientes, o que não ocorreu na rodada 1. Comparando os resultados do PE aos nossos resultados da amostra do PB, observamos que, no nível 1, há uma diferença mais acentuada entre os resultados, em relação ao nível 2, em que a hierarquia ficou bastante parecida, principalmente, no que se refere aos pesos relativos.

Nível 1: Oposição não-acentuada	PB		PE	
	Apl/Total=%	PR	Apl/Total=%	PR
a. não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	19/89 = 21%	0,04	61/65=93%	0,41
b. envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	274/324=84%	0,50	210/219=95%	0,48
c. envolve acréscimo de segmentos na forma plural	48/51=94%	0,74	71/75=94%	0,12
Nível 2: Oposição acentuada	Apl/Total=%	PR	Apl/Total=%	PR
a. envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural	73/87=83%	0,48	48/51=94%	0,22
b. envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural	64/68=94%	0,74	143/146=97%	0,79
c. envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural	162/175=92%	0,69	50/51=98%	0,75
<b>Total</b>	<b>640/794=80%</b>		<b>583/607=96%</b>	

**Tabela 7:** Frequência e probabilidade de CV no PB e no PE, segundo a variável saliência fônica na rodada sem verbos copulativos para a amostra do PE (adaptada de Monguilhott, 2009, p. 173)

Já na tabela 8, a seguir, podemos observar que, na rodada 2, os resultados passam a corresponder aos resultados do PB com a oposição não-acentuada apresentando frequência de uso da concordância verbal menor do que a apresentada na oposição acentuada, diferentemente do que os resultados da rodada 1 indicaram, conforme apresentado na tabela 6 em que a oposição não-acentuada favorecia a marcação da concordância verbal.

<sup>16</sup> Na rodada 2, sem os verbos copulativos, os seguintes grupos de fatores foram selecionados pelo Goldvarb, obedecendo a respectiva ordem de relevância: posição do sujeito em relação ao verbo, diazonalidade, saliência fônica e traço humano no sujeito.

Saliência Fônica	PB	PE
	Apl/Total = %	Apl/Total = %
Nível 1: Oposição não-acentuada	341/464 = 73%	342/359 = 95%
Nível 2: Oposição acentuada	299/330 = 90%	241/248 = 97%
Total	640/794 = 80%	583/607 = 96%

**Tabela 8:** Frequência de CV no PB e no PE, segundo a variável saliência fônica com amálgama dos fatores do nível 1 e nível 2 na rodada sem verbos copulativos para a amostra do PE (adaptada de Monguilhott, 2009, p. 173)

É possível, portanto, que as construções com verbos copulativos, como as apresentadas em (14'), (15') e (16'), com sujeito topicalizado, que pode ser retomado por um pronome nulo neutro (isso), sejam estruturas sintáticas diferentes no PE e que na análise anterior (rodada 1) tenham contribuído para um enviesamento dos resultados.

Como vimos anteriormente, o paralelismo formal foi o segundo grupo de fatores selecionado na amostra do PB. Já para o PE esse grupo de fatores não foi selecionado, em nenhuma de nossas rodadas (rodada 1 e rodada 2).

Na amostra do PE, não foram encontrados dados para todos os fatores controlados, assim vamos comparar os resultados para os fatores que apresentaram dados nas duas variedades.

Os resultados, tanto para o PB, quanto para o PE, mostram que, quando há presença da forma de plural explícita no último elemento, com sujeito preenchido ou nulo, há maior marcação de plural nos verbos, diferentemente de quando há presença da forma zero de plural no último elemento, como mostram os resultados da tabela a seguir.

Paralelismo Formal	PB	PE
	Apl/Total = %	Apl/Total = %
Presença da forma de plural explícita no último elemento	418/483 = 86%	398/454 = 87%
Presença de numeral no último elemento	20/33 = 60%	_____
Presença da forma zero de plural no último elemento	52/100 = 52%	4/5 = 80%
Sujeito nulo com anafórico com presença da forma de plural explícita	128/148 = 87%	340/348 = 97%
Sujeito nulo com anafórico com presença de numeral terminado em /s/ no último elemento	4/5 = 80%	_____
Sujeito nulo com anafórico com presença da forma de zero plural	17/25 = 68%	_____
<b>Total</b>	<b>640/794 = 80%</b>	<b>742/807 = 91%</b>

**Tabela 9:** Frequência de CV no PB e no PE, segundo a variável paralelismo formal (adaptada de Monguilhott, 2009, p. 174)

Os resultados indicam que há diferenças nas duas amostras em termos percentuais. Embora a hierarquia entre os fatores permaneça a mesma, há uma diferença maior no PB para os fatores presença da forma zero de plural no último elemento e presença da forma de plural explícita no último elemento (com sujeito preenchido e nulo). No PB, a diferença é de 86% e 87% para 52%; e no PE, de 87% e 97% para 80%. O que parece explicar é o fato de não haver praticamente variação na concordância nominal no PE, não existindo, assim, chances de uma menor marcação da concordância nos verbos com presença da forma zero de plural no último elemento.

Outra diferença, em termos percentuais, observada é o fato de no PE o sujeito nulo com anafórico com presença da forma de plural explícita apresentar índice de marcação bem maior (97%) do que o índice apresentado no PB (87%), em comparação com o fator presença da forma de plural explícita no último elemento com sujeito preenchido (87% no PE, 86% no PB). Aqui parece que o que está influenciando a marcação é o sujeito nulo que apresenta comportamento diferente nas duas variedades do português. Enquanto o PE apresenta maiores índices de sujeito nulo, o PB prefere os sujeitos preenchidos (cf. Duarte 1995, 2004).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conseguimos com este trabalho trazer algumas das reflexões apresentadas em Monguilhott (2009) sobre correlações entre as hipóteses neogramática e difusionista e as variáveis saliência fônica e paralelismo formal na variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural em amostras de fala do PB e do PE.

Embora as variáveis tenham apresentado comportamentos diferentes nas amostras das duas variedades do português, observamos que, de maneira geral, as hipóteses difusionista e neogramática exercem influência semelhante. Quanto à variável saliência fônica, considerando a especificidade dos verbos copulativos no PE e retirando-os das rodadas, a variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural parece confirmar a hipótese difusionista, já que houve uma queda mais acentuada nos contextos menos salientes e só depois os contextos mais salientes foram sendo atingidos, indicando, desta forma, uma mudança lexicalmente gradual.

No que se refere à variável paralelismo formal, como vimos no PB ela se mostrou relevante, diferentemente da análise no PE, no entanto, considerando apenas a frequência de uso, percebeu-se que os resultados gerais confirmam a hipótese neogramática que prevê um princípio mecânico agindo sobre esse grupo de fatores fazendo com que a queda nas marcas de plural nos elementos anteriores influencie na queda da marcação de plural nos verbos. Observou-se, ainda, queda regular das marcas de plural em todos os verbos que vêm precedidos de um zero fonético anterior, e, ao contrário, manutenção regular do plural para os verbos que vêm precedidos de marcas de plural.

## REFERÊNCIAS

- CARDOSO, Caroline Rodrigues. *Variação da concordância verbal no indivíduo: um confronto entre o linguístico e o estilístico*. Brasília, 2005. Dissertação de Mestrado, UNB.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro*. Campinas, 1995. Tese de Doutorado, UNICAMP.

- \_\_\_\_\_. On the 'embedding' of a syntactic change. In: *Language variation in Europe: Papers from ICLaVE2 – Second International Conference on Language Variation in English* – Uppsala, Sweden: Universitetsstryckeriet, 2004, p.145-155.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- LEMLE, Miriam; NARO, Anthony Julius. *Competências básicas do português*. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) e Fundação Ford, 1977.
- MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. *Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos*. Florianópolis, 2001. Dissertação de Mestrado, UFSC.
- \_\_\_\_\_. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE*. Florianópolis, 2009. Tese de Doutorado, UFSC.
- NARO, Anthony Julius. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*, 57 (1): 63-98, 1981.
- NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Origens do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- OLIVEIRA, Marco Antônio. A controvérsia neogramática reconsiderada. In: Eleonora Albano; Maria Irma Hadler Coudry; Sírio Possenti; Tânia Alkmim. (Org.). *Saudades da Língua*. 1 ed. Campinas: Mercado de Letras, 2003, v. , p. 605-620.
- PEREIRA, Deize Crespim. *Concordância verbal na língua falada nas trilhas das bandeiras paulistas*. São Paulo, 2004. Dissertação de Mestrado, USP.
- ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. *GoldVarb 2001: a multivariate analysis application for Windows*.
- RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. São Paulo, 1987. Dissertação de Mestrado, PUC-SP.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português. *Fórum Linguístico: Pós-Graduação em Linguística*, UFSC. Florianópolis : 1 (45-71), 1998.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. *D.E.L.T.A.*, 9(1): 1-14, 1993.

\_\_\_\_\_. A concordância de número no Português do Brasil: um caso de variação inerente. In: HORA, Dermeval. (org.) *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997.

SILVA, Jorge Augusto Alves da. *A concordância verbal no português afro-brasileiro: um estudo sociolinguístico de três comunidades rurais do estado da Bahia*. Salvador, 2003. Dissertação de Mestrado, UFBA.

VAREJÃO, Filomena de Oliveira Azevedo. *Variação em estruturas de concordância verbal e em estratégias de relativização*. Rio de Janeiro, 2006. Tese de doutorado, UFRJ.

WEINER, Judith; LABOV, William. *Constraints on the agentless passive*. In: *Journal of Linguistics* 19(1), 1983 [1977].